X ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI VALÊNCIA – ESPANHA

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL, GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E ECONÔMICA II

EDSON RICARDO SALEME

JERÔNIMO SIQUEIRA TYBUSCH

Copyright © 2019 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito
Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte desta publicação denominada “capítulo de livro” poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. César Augusto de Castro Fiuza - UFMG/PUCMG – Minas Gerais
Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS – Sergipe
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Secretário Executivo - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - Unimar/Uninove – São Paulo

Representante Discente – FEPODI
Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro
Prof. Dr. Aires José Rover - UFSC – Santa Catarina
Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP – São Paulo
Prof. Dr. Marcus Firmino Santiago da Silva - UDF – Distrito Federal (suplente)
Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa - UENP – São Paulo (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - UNIVEM – Santa Catarina
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR – Ceará
Prof. Dr. José Barroso Filho - UPIS/ENAJUM– Distrito Federal
Relações Internacionais para o Continente Americano
Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas - UFG – Goiás
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Maria Aurea Baroni Cecato - Unipê/UFPB – Paraíba
Eventos:
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch – UFSM – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho – Unifor – Ceará
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta – Fumec – Minas Gerais
Comunicação:
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro – UNOESC – Santa Catarina
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho – UPF/Univali – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara – ESDHC – Minas Gerais

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP – Pernambuco

---

D451
Desenvolvimento econômico sustentável, globalização e transformações na ordem social e econômica II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/2020
Coordenadores: Edson Ricardo Saleme; Jerônimo Siqueira Tybusch – Florianópolis: CONPEDI, 2020 / Valência: Tirant lo blanch, 2020.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-013-8
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Crise do Estado Social
1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Congressos Nacionais. 2. Assistência. 3. Isonomia. X Encontro Internacional do CONPEDI Valência – Espanha (10:2019 :Valência, Espanha).

CDU: 34

CONPEDI Sociedade Científica do Direito
Vniversitat de València Facultat de Dret
tirant lo blanch

X ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI VALÊNCIA – ESPANHA

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL, GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E ECONÔMICA II

Apresentação

Entre os dia 4 e 6 de setembro de 2019 abrem-se os trabalhos do X Congresso Internacional do CONPEDI em Valência, Espanha, com o tema Crise do Estado Social, com palestra inaugural realizada pelo Professor de Filosofia do Direito e Filosofia Política do Instituto de Direitos Humanos da Universidade (Facultad de Derecho), Campus Tarongers, Francisco Javier de Lucas Martín. Este, ex-senador espanhol, por Valência, esclareceu os atuais obstáculos enfrentados pela globalização e desenvolvimento do Estado Social em seus aspectos mais cruciais.

Da mesma forma, no conteúdo e na apresentação, os trabalhos que compuseram o GT "Desenvolvimento Econômico, Sustentável, Globalização e Transformações na Ordem Social e Econômica II" apontaram importantes reflexões críticas sobre a realidade brasileira e a Medida Provisória 881, de 2019, como atual parâmetro regulatório da economia e sua Declaração de Direitos de Liberdade Econômica. Nesse sentido, as temáticas abordaram, principalmente, a valorização do trabalho humano em face da automação e as questões relacionadas à sustentabilidade como fórmula para minimizar os impactos socioambientais na sociedade consumerista moderna.

Como diagnóstico, todavia, os textos produzidos buscaram mostrar uma série de deficiências recorrentes em termos de violação dos direitos fundamentais do trabalhador, ressaltando-se, também, o enfoque desde o realismo nas relações econômicas e a crítica à atuação de organizações internacionais, bem como de projetos como a iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA). A gama dos temas abordados considerou também temáticas atuais e de larga complexidade , a exemplo da questão da educação, cidadania e sustentabilidade, globalização, crise civilizatória e desenvolvimento sustentável a partir da responsabilização empresarial. Viu-se ainda os reflexos relacionados à preservação de direitos da personalidade na proteção de dados.

Os trabalhos também versaram, especificamente, sobre as conferências e tratados ambientais e sua aplicabilidade nas normas dos países participantes, a transferência de tecnologia como mecanismo para preservação ambiental e da saúde pública no contexto da OIT. Ademais, trataram de questões de ordem tributária com reflexos econômicos e ambientais, tal como o

fair share da empresa multinacional Starbucks que, por força da opinião pública local, submeteu-se às regras tributárias locais e os fintechs no mercado financeiro e seus reflexos nas relações de consumo.

Diante desses papers de qualidade, convida-se a comunidade acadêmica para apreciar esta publicação, não sendo exagero afirmar que os trabalhos do Grupo Desenvolvimento Econômico, Sustentável, Globalização e Transformações na Ordem Social e Econômica II têm o mérito de contribuir para a compreensão dos problemas apontados. Outrossim, buscam possíveis caminhos para a solução de obstáculos e novas indicações diante das normas criadas pela atual equipe governamental brasileira.

Dessa forma, a publicação apresenta algumas reflexões acerca de alternativas e proposições teóricas que visam ao debate e o aperfeiçoamento dos institutos referidos nos trabalhos apresentados. Os artigos aqui publicados contribuíram de forma relevante para que o GT Desenvolvimento Econômico, Sustentável, Globalização e Transformações na Ordem Social e Econômica II seja esclarecedor no tocante à temas atuais e críticos largamente trabalhados nas relações do Estado Social e da percepção do desenvolvimento em suas variadas dimensões.

Prof. Dr. Edson Ricardo Saleme - UNISANTOS

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM

GLOBALIZAÇÃO, CRISE CIVILIZATÓRIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL SOCIAL E AMBIENTAL

GLOBALIZACIÓN, CRISIS CIVILIZATORIA Y DESARROLLO SOSTENIBLE: LA IMPORTANCIA DE LA ÉTICA EN LA RESPONSABILIDAD EMPRESARIAL SOCIAL Y AMBIENTAL

Alessandra Vanessa Teixeira [1]
Geovana Da Conceição [2]

Resumo

O presente artigo pretende refletir inicialmente sobre a desordem causada pelos efeitos negativos da globalização, o que gerou a crise civilizatória da pós-modernidade. Após, será feita uma análise da ética, bem como apresentar o fundamento e a necessidade de uma ética mundial, já que os grandes problemas que levam à crise hoje são de ordem planetária. Por fim, pretende-se abordar a ética ambiental e a responsabilidade empresarial socioambiental demonstrando sua importância para o desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Crise civilizatória, Desenvolvimento sustentável, Ética, Ética ambiental, Globalização, Responsabilidade empresarial

Abstract/Resumen/Résumé

El presente artículo pretende reflejar inicialmente sobre el desorden causada por los efectos negativos de la globalización, lo que generó la crisis civilizatoria de la posmodernidad. Después, se hará un análisis de la ética, así como presentar el fundamento y la necesidad de una ética mundial, ya que los grandes problemas que llevan a la crisis hoy son de orden planetario. Por último, se pretende abordar la ética ambiental y la responsabilidad empresarial socioambiental demostrando su importancia para el desarrollo sostenible.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Crisis civilizatoria, Desenvolvimiento sustentable, La ética, Ética ambiental, Globalización, Responsabilidad empresarial

[1] Doutoranda em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Endereço Eletrônico: alessandra.sp@hotmail.com

[2] Doutoranda em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Advogada e Professora do Curso de Direito da UNIVALI - Itajaí-SC., Brasil. E-mail: geovanadireitodefamilia@gmail.com

Introdução

O presente artigo pretende refletir sobre a ética geral e ambiental, bem como em relação à responsabilidade socioambiental das empresas, diante da crise civilizatória da pós-modernidade e da necessidade de concretização do desenvolvimento sustentável.

Na primeira parte deste estudo serão tecidos comentários acerca da desordem causada pelos efeitos negativos da globalização, o que gerou a crise civilizatória da pós-modernidade.

A segunda parte é destinada à análise da ética, bem como apresentar o fundamento e a necessidade de uma ética mundial, já que os grandes problemas que levam à crise hoje são de ordem planetária.

Na última parte do estudo pretende-se abordar a ética ambiental e a responsabilidade empresarial socioambiental demonstrando sua importância para o desenvolvimento sustentável.

A metodologia a ser empregada compreende o método indutivo, sendo acionadas as técnicas do referente, da categoria, dos conceitos operacionais e da pesquisa bibliográfica.

1 A globalização e a crise civilizatória da pós modernidade

A globalização trouxe consigo, sem dúvida, grandes avanços para a humanidade, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das telecomunicações, possibilitando o acesso de várias classes sociais à internet e telefones celulares, assim como aproximou os povos de diferentes culturas e mundializou a economia.

Empresas do ramo da tecnologia “sabem que os lucros do futuro serão encontrados nos novos "campos de exploração" que a tecnologia digital abre diante de seus olhos ávidos e tornados pelo fascínio” (BECK, 1999, p. 88).

Zygmunt Bauman (1999, p. 7) destaca que “a “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação

mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros" sendo um processo que afeta toda a sociedade.

A globalização, para Beck (1999, p. 30), significa "*os processos,* em cujo andamento os Estados nacionais vêem a sua soberania, sua identidade, suas redes de comunicação, suas chances de poder e suas orientações sofrerem a interferência cruzada de atores transnacionais". E mais, significa a "*negação* do Estado mundial. Mais precisamente: *sociedade mundial sem Estado mundial e sem governo mundial.* Está se disseminando um capitalismo global desorganizado, pois não há poder hegemônico ou regime internacional econômico ou político" (1999, p. 33).

Anthony Giddens (2003, p. 18-19), ao falar sobre a globalização, traz a oposição existente entra as opiniões de diversos pensadores que debateram sobre o tema ao longo do tempo, classificando-as da seguinte forma: de um lado, aqueles que "questionam tudo o que se refere a ela", a quem ele chama de "céticos"; e de outro lado, aqueles que "assumem uma posição muito diversa", a quem ele chama de "radicais". Para os céticos, a globalização não passa de "mera conversa", e entendem que tanto a economia global quanto o mundo de maneira geral permanecem parecidos com o que existiu há tempos atrás. Por outro lado, os radicais sustentam que sim, a globalização é "muito real", bem como suas consequências, que afetam a todos indistintamente, e para eles o mercado global está muito à frente do que antes, ou seja, muita coisa mudou, está muito mais desenvolvido.

Diante disso, Giddens (2003, p. 21) assim se posiciona:

> Eu não hesitaria, portanto, em dizer que a globalização, tal como a estamos experimentando, é sob muitos aspectos não só nova, mas também revolucionária. Não acredito, porém, que nem os céticos nem os radicais tenham compreendido corretamente o que ela é, nem suas implicações para nós. Ambos os grupos vêem o fenômeno quase exclusivamente em termos econômicos. Isso é um erro. A globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica. Foi influenciada acima de tudo por desenvolvimentos nos sistemas de comunicação que remontam ao final da década de 1960.

Assim, a globalização está longe de ser um processo totalizante e homogêneo, mostrando-se cada vez mais como um fenômeno complexo e plural, já que, segundo Zygmunt Bauman (1999, p. 66), "o significado mais profundo transmitido pela idéia da

globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais". Nesse sentido, Beck (1999, p. 46-47) afirma que

> Globalização significa a experiência cotidiana da ação sem fronteiras nas dimensões da economia, da informação, da ecologia, da técnica, dos conflitos transculturais e da sociedade civil, e também o acolhimento de algo a um só tempo familiar mas que não se traduz em um conceito, que é de difícil compreensão mas que transforma o cotidiano com uma violência inegável e obriga todos a se acomodarem à sua presença e a fornecer respostas. Dinheiro, tecnologia, mercadorias, informações e venenos "ultrapassam" as fronteiras como se elas não existissem. Até mesmo objetos, pessoas e idéias que os governos gostariam de manter no exterior (drogas, imigrantes ilegais, críticas à violação dos direitos humanos) acabam por encontrar seu caminho.

Bauman (1999, p. 68), então, refere que "a globalização não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos fazer. Diz respeito ao que está acontecendo a todos nós". Logo, "a globalização não é um acidente em nossas vida hoje. É uma mudança de nossas próprias circunstâncias de vida. É o modo como vivemos agora" (GIDDENS, 2003, p. 29).

Nesse contexto, Milton Santos, na obra "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal", enfoca, através de constatação pessimista, a questão da globalização, para logo após finalizar com uma visão prognóstica positiva, resultante do exercício dialético, visando encontrar nas contradições da sociedade atual, possibilidades de superação da mesma. A ideia central contida neste livro e defendida teoricamente pelo autor é de que a globalização é um fenômeno reversível, podendo ser usada para o bem da humanidade.

Nesse sentido, Santos (2009, p. 17-20) considera a existência de pelo menos três mundos em um só. Passando pelo entendimento da globalização, o autor identifica esses mundos de acordo com a percepção (globalização como fábula), com a realidade (globalização como perversidade) e com a possibilidade (uma outra globalização).

Ao falar sobre o mundo globalizado visto como fábula, o autor afirma que este exige um certo número de fantasias. A máquina ideológica faz crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta através da disposição, cada

vez maior, de mercadoria para o consumo quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Logo, pode-se indagar se não se está diante de uma ideologização maciça, onde a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações. (SANTOS, 2009, p. 18-19)

Em relação ao mundo real, para a maior parte da humanidade a globalização é vista como perversidade, já que o desemprego se torna crônico, a pobreza aumenta, novas enfermidades se instalam, a mortalidade infantil permanece, a educação de qualidade é cada vez mais inacessível e o consumo é cada vez mais representado como fonte de felicidade. A perversidade sistêmica está relacionada à adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Tudo isso, de forma direta ou indireta, fazem parte do processo de globalização. (SANTOS, 2009, p. 19-20)

Santos (2009, p. 20-21), então, apresenta a possibilidade de pensar em um outro mundo, onde a globalização seria mais humana, como uma “outra globalização”. Uma visão bastante otimista é exposta, no sentido de que é possível transformar o que hoje está aí, já que a realidade não é um fato dado, mas uma construção contínua que tem rearranjos diários e semanais, de onde resulta a intensa força que o sistema faz para manter o curso das coisas.

Então, de acordo com Santos (2009, p. 15), a perversidade do fenômeno da globalização estaria “[...] fundada na tirania da informação e do dinheiro, na competitividade [...], acarretando o desfalecimento da política feita pelo Estado e a imposição de uma política comandada pelas empresas”.

Com a globalização o Estado nacional vê-se obrigado a se "abrir internamente para a pluralidade de modos de vida estrangeiros ou de novas culturas" (HABERMAS, 2001, p. 107).

Todavia, a globalização fez florescer também as diferenças sociais, as guerras, o narcotráfico, a crise ambiental e as mudanças de padrões e valores morais, exigindo a reconstrução de novos paradigmas em relação ao que se denominou fruto do desenvolvimento, traçando-se uma nova concepção de mundo.

Zygmunt Bauman (1999, p. 58) traz uma reflexão acerca da desordem causada pela globalização:

> O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a "nova desordem mundial" de Jowitt com um outro nome.

A globalização trouxe "efeitos globais não pretendidos", pois nem tudo se transformou em empreendimento e desenvolvimento, especialmente "porque nós não temos nem sabemos bem como obter os meios de planejar e executar ações globalmente". (BAUMAN, 1999, p. 59).

Para Boaventura de Sousa Santos (2002, p. 27):

> A globalização, longe de ser consensual, é, como veremos, um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro; e mesmo no interior do campo hegemônico há divisões mais ou menos significativas.

John Kavanagh, do Instituto de Pesquisa Política de Washington citado por Zygmunt Bauman (1999, p. 69), assinala que:

> A globalização deu mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Esses indivíduos utilizam a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e especular com eficiência cada vez maior. Infelizmente, a tecnologia não causa impacto nas vidas dos pobres do mundo. De fato, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para muito poucos, mas deixa de fora ou marginaliza dois terços da população mundial.

Inevitavelmente, o desenvolvimento cada vez mais crescente num mundo globalizado, é uma das consequências da crise pós-moderna, ao tempo que traz crescimento e oportunidades, coloca a sociedade em condições de desigualdade social, ameaça a biodiversidade, e ressalta os problemas de migração desordenada.

Edgar Morin (2015, p. 27), ao fazer referência à crise do desenvolvimento

destaca que a noção de desenvolvimento "engloba os múltiplos desenvolvimentos da prosperidade e do bem-estar; a melhoria geral das condições de vida, a redução das desigualdades, a paz social, a democracia" e não apenas aspirações lucrativas e fortalecimento do individualismo.

A crise civilizatória desencadeada pelo processo de globalização está essencialmente evidenciada entre as classes ricas e pobres. A globalização segundo Ulrick Beck (1999, p. 109) “divide a população mundial entre ricos globalizados, que vencem o espaço e não tem o tempo, e pobres localizados, que estão presos aos seus lugares e precisam matar o tempo que não conseguem preencher”.

Sobre as desigualdades na distribuição da riqueza, Boaventura de Sousa Santos (2002, p. 161), assinala que:

> As estatísticas mundiais mostram que as desigualdades na distribuição da riqueza estão a reforçar-se e que, apesar da intensificação dos fluxos mundiais de capital e de trabalho, da extensão dos mercados, da globalização das políticas e dos progressos nas comunicações, as oportunidades para melhorar os padrões de vida são cada vez mais inacessíveis à maioria da população.

Todavia, segundo Edgard Morin (2015, p. 59-60), a maior de todas as crises é a crise da humanidade, mostrando-se necessária a implementação de uma política eficaz "com respeito aos saberes, aos fazeres, às artes de viver das diversas culturas", para que se resgate "a noção de desenvolvimento com a noção de envolvimento" como forma de proteção dos "valores não materiais de sensibilidade, de coração, de alma" que o desenvolvimento tende a destruir.

O desenvolvimento tecnológico, importante via para o crescimento e interconexão com várias partes do planeta, na medida que se apresenta como um fator positivo para a sociedade, pode também gerar consequências negativas, especialmente de ordem ambiental e social.

Maria Augusta Burstyn e Marcelo Burstyn (2012, p. 283) ressaltam que "as consequências ambientais dessa evolução tecnológica podem ser benéficas ou nefastas, dependendo da maneira como ela é internalizada pelo sistema produtivo e pelas sociedades".

O crescimento da população e a consequente devastação do planeta exigem

segundo Edgar Morin (2015, p. 60) uma política da humanidade, que se pode também denominar de política humanitária, a qual "deve assumir a responsabilidade pelos problemas que normalmente o desenvolvimento deveria resolver, por exemplo o problema crescente da fome [...] o da água, o da saúde [...]", e segundo o autor, deve-se também estimular o engajamento da juventude dos "países que denominamos desenvolvidos" para que assumam responsabilidades em "um serviço cívico planetário que substituiria os serviços militares, a fim de ajudar localmente as populações necessitadas".

Para ultrapassar as diversas crises pós-modernas, mostra-se necessária uma mudança de comportamento da humanidade em relação as coisas mais simples e óbvias do planeta. É preciso repensar o conceito de natureza, bem-estar, valores éticos e morais e se ter uma nova visão de mundo. O desenvolvimento capitalista desenfreado, igualmente deve fazer parte deste processo de transformação, bens comuns estão sendo negociados como mercadorias, como é o caso da água potável comercializada em garrafas, a água do mar transformada em praias particulares, o sol vendido como atração pelas agências de turismo, e até os bens pessoais como no caso da Índia que comercializa órgãos do corpo humano (2015, p. 68).

2 Vamos falar de ética

Ética é um tema recorrente pois está atrelada à vida, ao cotidiano do homem. Tal tema supõe a necessidade da reflexão sobre valores sociais, humanos, em meio à crise estabelecida, a qual é reduzida ao individualismo e à competitividade.

Nesse sentido, Angelo Vitório Cenci (2002, p. 9) diz que

> A ética, desde suas origens, busca estudar e fornecer princípios orientadores para o agir humano. Ela nasce amparada no ideal grego de justa medida, do equilíbrio nas ações. A justa medida é a busca do agenciamento do agir humano de tal forma que o mesmo seja bom para todos, isto é, que todos os indivíduos ou cada parte nele envolvido seja contemplada de forma equânime. O espaço de cada indivíduo ou de cada parte que se envolve na ação necessita ser garantido de maneira autônoma e racional. Tais princípios indicam não para a

> perfeição do agir, mas sim para que o mesmo ocorra da melhor forma possível, ou seja, da maneira mais adequada possível.

Entretanto, "a ética é mais ampla que a busca do equilíbrio da vida pessoal. Ela não pode reduzir-se à esfera individual. Pelo contrário, ela é sempre relacional: somos éticos em relação às outras pessoas e às coisas que compõem o meio ambiente e a natureza" (2002, p. 32). Sendo assim, percebe-se a necessidade de uma ética mundial, principalmente diante da crise civilizatória que se está vivenciando.

O fundamento para uma ética mundial é explicado de forma bastante clara por Küng e Schmidt (2001, p. 10):

> A globalização da economia mundial é desafiada por problemas mundiais, que exigem soluções globais baseadas em idéias, valores e normas respeitados por todas as culturas e sociedades. O reconhecimento de direitos iguais e inalienáveis requer um fundamento de liberdade, justiça e paz – mas para isso é também necessário que os direitos e responsabilidades humanos recebam importância igual para estabelecer uma base ética, de modo que todos os homens e mulheres possam viver em paz e cumprir seu potencial. Uma melhor ordem social, tanto nacional como internacional, não pode ser alcançada apenas com leis, preceitos e convenções; ela precisa também de uma ética mundial. As aspirações humanas por progresso só podem ser concretizadas mediante valores e padrões comumente acordados, que se apliquem a todos os indivíduos e instituições em todas as épocas.

Os autores acima referenciados trazem a Declaração de Ética Mundial do Parlamento das Religiões Mundiais, onde são elencados princípios de uma ética mundial e enfatizam a importante crise que o mundo atravessa, a qual perpassa os campos da economia, da ecologia e da política. Ressaltam que não há uma nova ordem mundial sem uma ética mundial e que todas as pessoas são responsáveis pela melhoria de tal ordem. Afirmam que "com uma ética mundial temos em mente um consenso fundamental quanto a valores obrigatórios vigentes, parâmetros inamovíveis e atitudes pessoais básicas" (KÜNG; SCHMIDT, 2001, p. 19).

Sobre os princípios de uma ética mundial, a Declaração traz basicamente: a responsabilidade de tratar todas as pessoas de maneira humana; o compromisso com uma cultura da não-violência e do temor diante da vida; o compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa; o compromisso com uma cultura da

tolerância e uma vida de veracidade; o compromisso com uma cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homem e mulher; e, principalmente, a mudança de consciência. (KÜNG; SCHMIDT, 2001)

O Frei Carlos Josaphat (2010, p. 18) traz o tema da ética mundial como sendo a esperança da humanidade globalizada e diz:

> A ética começa por assumir a atitude sem dúvida corajosa, responsável, buscando decifrar a questão radical: O que estão fazendo de mim, o que estou deixando que façam de mim? Como vou ser eu mesmo o piloto de minha vida, sem desânimo, sem pretensão, sem ressentimento, no intercâmbio sereno, no diálogo tranquilo, e até com certa dose de militância e de humor? Essa questão ética e radical sempre presente na história se torna hoje crucial, dada a capacidade universal e concentrada de manipulação que o sistema de comunicação, grandemente banalizado, exerce sobre as mentalidades, as opiniões e as consciências.

O conceito de ética mundial, em Hans Küng (2004, p. 29), busca estruturar valores fundamentais, além de todas as diferenças culturais, sociais ou religiosas, que auxiliem na solução de problemas existentes na esfera global. A ética mundial é necessária, segundo o autor, devido à "crise moral do mundo ocidental (...): a destruição de toda e qualquer tradição, de um sentido de vida mais abrangente, de padrões éticos imprescindíveis", que acabaram gerando humanos que "não sabem mais que preferências seguir, que prioridades colocar e que imagens orientadoras escolher".

Por isso, Josaphat (2010, p. 34) afirma que

> É a hora de pôr em relevo o paradigma que vai ao encontro das aspirações e exigências atuais, propondo os valores e as virtudes como fundamento e a fonte da moral, emergindo qual experiência humana autêntica e encontrando na reflexão ética sua elucidação atenta aos dados da consciência e da ação responsável. Antecipemos algumas simples explicações dessas noções de base, presentes hoje de forma vivida, implícita e concreta em aspirações, denúncias e reivindicações. Em torno das quais articularemos todo o universo ético.

Segundo o autor (JOSAPHAT, 2010, p. 35-36), "é a ética dos valores, dos bens e direitos, que presidem a marcha da sociedade, em sua busca de retidão, lutando contra

a corrupção". Ainda, ele diz que "essa ética hoje necessariamente universal, para ser eficaz e operacional em um mundo globalizado, merece o qualificativo exigente e estimulante de integradora".

Küng (2011) entende que o projeto de uma ética global implica um processo de mudança de consciência que durará décadas, como aconteceu no caso da emancipação da mulher, da ecologia e da paz. Ele afirma que nesse processo, a praxis coloca permanentemente as regras normativas gerais do direito mundial e da ética mundial à prova da resistência.

Para que o projeto de uma ética global tenha autenticidade e eficácia faz-se necessário que "os valores sejam ditos e difundidos em sua expressão universal e transparente, apontando para a vida, a saúde, a liberdade, a educação, a cultura, a informação a garantir e a promover" (JOSAPHAT, 2010, p. 39).

De acordo com Küng (2004, p. 74-75),

> Não haverá sobrevivência da sociedade humana sem uma ética. Ou, dito de forma concreta: não haverá paz interna sem a concordância de que os conflitos sociais serão resolvidos de forma não violenta; não haverá uma ordem econômica e jurídica sem a disposição de se ater a determinadas leis; não haverá instituição sem a anuência pacífica dos cidadãos e cidadãs.

A importância da ética se estende também à natureza, ao meio ambiente em todos os seus aspectos. Josaphat (2010, p. 450) refere-se à emergência de uma ética ecológica e globalizada, cujo objetivo é "prolongar o despertar das consciências e do amadurecimento da reflexão ética que tem sua expressão emblemática na declaração da ONU".

Ao refletir sobre a ética ambiental, tem-se a consciência que a degradação do meio ambiente atingiu tal nível, que o assunto hoje tem suma importância para toda a sociedade, seja pensando na atual ou nas futuras gerações.

3 Ética ambiental e responsabilidade empresarial no caminho para o desenvolvimento sustentável

O momento atual é de enormes desafios para o desenvolvimento sustentável, bilhões de cidadãos continuam a viver na pobreza, há uma crescente desigualdade entre os países e dentro deles, sem falar na questão das disparidades de oportunidades, riquezas, a desigualdade de gêneros, o desemprego, os desastres naturais mais frequentes e intensos, entre muitos outros.

Por isso, o "agir eticamente" não é só importante, como necessário para que se possa alcançar o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, Enrique Leff (2001, p. 408) refere que

> A transição para a sustentabilidade convulsiona os tempos onde se entrecruzam as inércias em aceleração das racionalidades estabelecidas e o desencadeamento de novos processos para desenvolver o potencial ambiental, a conformação de novas consciências, a constituição de novos atores e a produção de mudanças institucionais mobilizadas por novos valores e racionalidades. Uma **nova ética**, baseada no reconhecimento e respeito da outridade, da diversidade e da diferença, está gerando uma política de diálogo e consenso, de convivência e solidariedade. (grifo nosso)

Essa nova ética, a ética ambiental, é explicada por José Roque Junges (2004, p. 07-08):

> Os problemas ecológicos não dependem de uma simples solução técnica; pedem uma resposta ética, requerem uma mudança de paradigma na vida pessoal, na convivência pessoal, na produção de bens de consumo e, principalmente, no relacionamento com a natureza. Apontam para uma mudança de rota na organização econômico-industrial e político-social da sociedade e a conversão das atitudes de consumo e de relacionamento com o ambiente natural e social. Trata-se, no fundo, de mudar a visão de mundo dos contemporâneos. A preocupação ecológica não traz apenas novos problemas, que pedem uma solução, ela introduz um novo paradigma de civilização.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a crise que se vive atualmente é, em essência, uma crise ética, ou seja, de valores, que está intimamente ligada ao modo como o homem se relaciona com o seu mundo natural. Portanto, a crise ambiental é também a crise do

ser humano em sua subjetividade. Isso porque o respeito e a consideração devidos ao meio ambiente estão intimamente relacionados com o respeito e o equilíbrio do ser humano consigo mesmo, exigindo uma mudança conceitual de paradigma no que tange à concepção de bem-estar do homem, à questão das gerações futuras e à consideração da natureza como detentora de um valor intrínseco a ser respeitado.

> A ética ambiental propõe um sistema de valores associado a uma racionalidade produtiva alternativa, a novos potenciais de desenvolvimento e a uma diversidade de estilos culturais de vida. Isto supõe a necessidade de ver como os princípios éticos de uma racionalidade ambiental se opõem e amalgamam com outros sistemas de valores: como se traduzem os valores ambientais em novos comportamentos e sentidos dos agentes econômicos e dos atores sociais. Trata-se de ver os princípios éticos do ambientalismo como sistemas que regem a moral individual e os direitos coletivos, sua instrumentação em práticas de produção, distribuição e consumo, e em novas formas de apropriação e transformação dos recursos naturais. (LEFF, 2001, p. 87)

A ética ambiental, portanto, é fundamentada em valores que se expressam na solidariedade do ser humano com o planeta, no bem comum, nos direitos coletivos à frente dos direitos privados, na preocupação com o ser e no futuro construído de forma sustentável. (LEFF, 2001, p. 457).

A base da ética ambiental, segundo Junges (2004, p. 57-58), é que diante da intervenção da sociedade no ambiente natural, esta mesma sociedade tem "a responsabilidade ética de preservar a qualidade do ambiente em que agem no uso dessa capacidade. Já que existe a capacidade de intervenção na natureza, sua preservação é uma exigência ética, porque depende da decisão humana".

E por falar em responsabilidade, urge destacar o papel das empresas nesta questão ética em relação ao meio ambiente, já que são elas que detêm o poder e o domínio econômico do mercado, onde suas ações refletem diretamente para a sustentabilidade ou não do desenvolvimento. Leff (2001, p. 403) afirma que "a sustentabilidade do desenvolvimento anuncia o limite da racionalidade econômica, proclamando os valores da vida, da justiça social e do compromisso com as gerações vindouras".

Sobre essa "onda ética" Gilles Lipovetsky (2004, p. 42-43) fala sobre uma mudança no mundo dos negócios nas últimas décadas, onde uma preocupação ética

aparece, ao menos de forma ideológica, tornando-se condição para o sucesso e o motor para a eficiência de uma empresa. O autor elenca alguns fatores decisivos na ascensão desse parâmetro ético por parte das empresas, onde o aspecto ambiental logo se apresenta:

> Primeiro grande fator, o mais envolvente, uma sucessão de catástrofes e de perigos que acelerou a tomada de consciência relativa à preservação do meio ambiente e do homem: as catástrofes marítimas de Amoco Cadiz e da Exxon Valdez, a tragédia de Bhopal, na Índia (2.850 mortos), depois do acidente da Union Carbide, e, mais amplamente, todos os problemas enfrentados pela época contemporânea, como a diminuição da camada de ozônio, poluição atmosférica, emissão de gás de efeito estufa e destruição da floresta amazônica. Mais recentemente ainda, vimos aparecerem inquietações em relação aos OGM, às farinhas animais, ao amianto. Todos esses desastres acentuaram a questão da responsabilidade dos industriais em relação não somente a nós mesmos, mas também no que se refere às futuras gerações e ao destino do planeta.

As empresas socioambientalmente responsáveis têm uma postura ética onde o respeito da comunidade passa a ser um grande diferencial. O reconhecimento destes fatores pelos consumidores e o apoio de seus colaboradores faz com que se criem vantagens competitivas e, consequentemente, atinja maiores níveis de sucesso.

Nesse sentido,

> Algumas empresas [...] têm demonstrado que é possível ganhar dinheiro e proteger o meio ambiente mesmo não sendo uma organização que atua no chamado 'mercado verde', desde que as empresas possuam certa dose de criatividade e condições internas que possam transformar as restrições e ameaças ambientais em oportunidades de negócios. (DONAIRE, 1999, p. 51)

Logo, a responsabilidade empresarial, em relação ao meio ambiente, deixou de ser apenas uma postura frente às imposições, para transformar-se em atitudes voluntárias, superando as próprias expectativas da sociedade.

Pensar em responsabilidade empresarial é pensar em ética. Ela implica compromisso com a humanidade, respeitando os direitos humanos, justiça, dignidade; e com o planeta, comportando-se de forma responsável e comprometida com a sustentabilidade da rede da vida. Ela deve se voltar para a promoção da cidadania e do

bem-estar, tanto do público interno quanto do externo. As empresas precisam colocar seu conhecimento, seus instrumentos de gestão e seus recursos econômicos a serviço de seus colaboradores, dos membros da sociedade e da defesa do meio ambiente. (PASSOS, 2004, p. 167)

Considerações finais

A crise civilizatória pós-moderna constitui-se de cinco grandes crises: econômica, social, ambiental, política e de valores. Mas uma dela tem uma repercussão muito maior sobre a maioria das direções dessa crise, a ambiental. Até se pode resolver a crise social e econômica, mas se não se resolver a crise ambiental, o futuro da humanidade e do planeta estará prejudicado. Boa parte dos problemas enfrentados hoje no mundo já tem resposta técnica, o que falta é o compromisso ético de colocar as respostas técnicas já encontradas a serviço do grande desafio de mudar o modelo de desenvolvimento.

O aumento da conscientização em relação ao meio ambiente deixa cada vez mais claro os impactos causados pela ação humana na natureza e evidencia o quanto os resultados podem ser desastrosos na ausência de um senso ético adequado.

A incorporação da variável socioambiental como estratégia de negócios é algo recente e necessário para garantir a sobrevivência das empresas num mercado competitivo, como o que se configura num momento de crise global.

A responsabilidade social da empresa, voltada para a melhoria das condições de vida de todos, integra as preocupações sociais e ecológicas das atividades comerciais, e nos leva a crer que a ética empresarial é possível, não devendo a empresa preocupar-se apenas com a questão do lucro, mas também da sociedade como um todo, de modo especial com a conscientização da iniciativa privada da adoção de práticas sustentáveis.

Referências das fontes citadas

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. 1944. **O que é globalização? Equívocos do globalismo**: respostas à globalização. Trad. André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BURSTYN, Maria Augusta; BURSTYN, Marcelo. **Fundamentos de política e gestão ambiental:** caminhos para a sustentabilidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CENCI, Angelo Vitório. **O que é ética?** Elementos em torno de uma ética geral. 3. ed. Passo Fundo: A. V. Cenci, 2002.

DONAIRE, Denis. **Gestão ambiental na empresa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole:** o que a globalização está fazendo de nós. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HABERMAS. Jurgen. **A Constelação pós-nacional:** ensaios políticos. Tradução de Marcio Seligmann Silva. São Paulo. Lettera Mundi, 2001.

JOSAPHAT, Carlos. **Ética mundial:** esperança da humanidade globalizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JUNGES, José Roque. **Ética ambiental**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

KÜNG, Hans. **Ética mundial y derecho mundial**: reflexiones filosóficas. In: Utopía y Praxis Latioamericana. Año 16, Nº. 52 (2011). PP. 115-126.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial:** uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

KÜNG, Hans; SCHMIDT, Helmut. **Uma ética mundial e responsabilidades globais:** duas declarações. Tradução de Milton Camargo Mota e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Vozes, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal:** ética, mídia e empresa. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade.** 2 ed. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2015.

PASSOS, Elizete. **Ética nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2004.

PEGORARO, Olinto A. **Ética e bioética:** da subsistência à existência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **A globalização e as ciências sociais.** 2ª Edição. São Paulo: Cortes, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.